SUMMARIO.

Conhecimentos-uteis: Economia politica (*Continuação*) — Fractura obliqua do Femur não consolidada (Medicina) — Botanica (O Pinheiro) — Hospital de San'José — Instrucção-publica (*Continuação*). Parte-litteraria: Viagens na minha terra [Capitulo XLVII] — Critica-litteraria — Typographia — Saudade (Poesia hispanhola, traducção do portuguez). Variedades: Commemoração (Martinho de Mello e Castro) — Necrologia — Correio-Extrangeiro — Correio-Nacional.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ECONOMIA-POLITICA. *

III.

884 — 48 Produzir, ou crear valores ou riquezas, é dar utilidade ás coisas, ou tambem augmentar a que ellas ja teem. Bem se sabe que nós não podêmos crear a materia mas podêmos dar-lhe qualidades que façam com que materias sem valor o adquiram e se tornem riquezas. N'isto é que consiste a *producção* em economia-politica: aqui está o milagre — o *fiat lux* — da industria humana; e as coisas a que ésta deu valor chamam-se *productos* ou *valores*.

49 Chamam-se materias-primas aquellas em que se exerce a acção da industria, para produzir.

50 A execução de um producto exige o concurso de muitas pessoas e de muitos conhecimentos. N'esta execução ha o trabalho do sabio, o do imprehendedor e o do operario. O sabio descobre, o imprehendedor applica e o operario executa.

51 É verdade que a mesma pessoa póde preencher por si so todos estes tres logares differentes; mas o que não ha é producto nenhum em que se não incontrem vestigios d'estes tres generos de trabalho. O imprehendedor é todavia o agente principal da producção; porque é elle que aproveita as investigações do sabio e se serve das mãos dos operarios, regulando os meios de satisfazer as necessidades e appreciando-as. Adiante se tractará da creação dos productos immateriaes.

52 A industria por mais tosca que seja não póde passar sem instrumentos. Isto vê-se ainda mesmo no estado selvagem. Mas no estado de civilização os instrumentos de que a industria se serve são muitos.

53 D'estes, alguns são gratuitos, como por exemplo: a acção dos ventos etc., e podem-se chamar instrumentos *naturaes communs* ou *não appropriados*.

54 A natureza tambem fornece ao homem industrioso o podêr productivo da terra cultivavel; os metaes, os marmores etc., de que alguns homens se apoderam constituindo d'elles propriedade por todos reconhecida, e então esses instrumentos chamam-se naturaes *appropriados*.

55 De todos estes o mais importante é a *terra*.

56 Tambem ha instrumentos não naturaes, quero dizer, que são fructo de industria anterior; v. g.: as ferramentas, as machinas, o dinheiro etc., que servem para a reproducção e chamam se *capitaes*, ou somente *capital*.

57 Ainda não são estes, porém, todos os instrumentos da producção. Entre os meios naturaes e appropriados ha um poderosissimo — as forças do homem ou o *trabalho*.

58 Aqui temos pois os tres instrumentos geraes da industria, que á falta de melhor denominação se chamaram, *terra*, *capital* e *trabalho*.

59 As dissimilhauças entre estes tres instrumentos são profundas. O trabalho e a terra são forças productivas; o capital é apenas resultado: quando o homem emprega o seu capital na reproducção vem a empregar como instrumento aquillo de que poderia usar como meio de fruição. Elle e a terra podem ser avaliados pelo lucro que se tiraria d'elles se se vendessem. As faculdades industriaes que se não podem alienar, não podem ter preço corrente, mas podem-se avaliar pela retribuição do que podem render. Adiante se explicarão mais claramente éstas differenças.

60 Como o capital é obra do homem diz-se que é trabalho accumulado. Os talentos que se adquirem são outra especie de capital que se chama *capital moral*.

61 Depois de assim divididos os instrumentos geraes da producção em *communs* e *appropriados*, em *naturaes* e *produzidos*: depois de divididos tambem em meios *intellectuaes* e *physicos*, em *naturaes* e *adquiridos*, podem-se ainda distinguir meios *directos* e *indirectos*.

61 Os meios directos constam dos tres instrumentos de que fallei, terra, capital e trabalho.

63 Os meios indirectos são muitos: são todos aquelles que favorecem a producção; v. g.: a permutação, a circulação das riquezas, o dinheiro (um dos principaes agentes d'esta circulação), a instrucção publica, o trabalho governamental que dá ao productor justiça o protecção, etc.

64 Póde-se dizer, em resumo, que o fundo productivo de uma nação se compõe:

1.° Dos instrumentos naturaes communs ou não appropriados, que comprehendem o mar, o curso das aguas publicas, a atmosphera, o calor do sol, as leis da natureza physica etc. etc., que estão á dispozição de todos.

2.° Dos instrumentos naturaes appropriados que comprehendem:

A terra. { a terra que é cultivada, contando com o curso das aguas, minas etc. que constituem propriedade.

O trabalho. { as lucubrações do sabio.
as diligencias do imprehendor que é o lavrador, o negociante etc.
as fadigas do operario, que é o agente do imprehendedor.

3.° Dos instrumentos artificiaes ou adquiridos; isto é:

O capital. { o resultado de todas as producções de uma industria anterior.

65 Em última analyse, a origem de todas as coisas de consummo é a terra; o meio porque o homem extrahe essas coisas da sua origem é o trabalho intellectual e physico. Para executar este trabalho auxilia-se o homem com o resultado de outro trabalho anterior accumulado, que se apresenta na fórma de ferramentas, machinismos, provisões etc., que é o seu capital. Este capital abrange duas classes de fôrças:

* Continuado de pag. 254.

as que o trabalho realizou nas coisas, e as que desinvolveu nos homens, physica ou moralmente.

66 Os tres instrumentos, terra, capital e trabalho, precisam estar junctos para produzir.

67 A creação de um producto é resultado de um pensamento unico que faz com que muitos meios concorram para um so fim. Em geral é o imprehendedor que concebe a idea de produzir e reune os meios de a applicar. Mas o imprehendedor não é o unico productor, todos os trabalhadores e proprietarios dos instrumentos da producção concorrem para ella, e podem ser chamados tambem productores.

68 A mesma pessoa póde ser chamada productor por differentes titulos; porque póde ser ao mesmo tempo proprietario ou capitalista, imprehendedor e operario.

69 Tambem ha productos que se podem obter so pelo concurso dos capitaes e do trabalho, como, por exemplo: a pesca do peixe, das perolas, do coral etc.; e ainda alguns dos productos da industria fabril e commercial. E d'aqui vem dizer-se que éstas duas industrias de uma nação não estão circumscriptas nos limites do seu territorio, mas sim nos limites dos seus capitaes.

70 Os instrumentos productivos de que estou fallando, concorrem para a creação dos productos de differentes maneiras, cadaum segundo a acção que lhe é propria; e bem se intende que no valor do producto se deve achar o pagamento de cadauma d'estas maneiras; isto é: O *salario*, ou a retribuição dos operarios; o *ganho* dos capitaes; a *renda* da terra.

71 A producção póde ser considerada como uma permutação em grande, em que todos os productores com o imprehendedor á frente, dão tudo o que constitue a despeza da producção para receber os productos. Para que ésta permutação seja normal convem que o valor de tudo o que é destruido para alcançar a producção seja contrabalançado pelo valor da coisa produzida.

72 A producção assim considerada, deixa ver com facilidade o que é que constitue os progressos da industria de um povo. Este progresso existe quando uma nação multiplica os seus productos sem multiplicar as suas despezas, ou, o que é o mesmo, quando diminue as suas despezas sem diminuir a quantidade de utilidade produzida.

73 Estes progressos fazem-se em primeiro logar a beneficio do productor, que com o mesmo valor de despeza recebe em troca um valor maior; mas quando o conhecimento do processo da producção se derrama por muitos, e a concurrencia faz abaixar o preço do producto a par das despezas da producção, é o consummidor, o publico, que lucra com isso.

74 Fallei acima em utilidade produzida. Quer isto dizer que, se com um cruzado-novo eu posso hoje obter um objecto cujas despezas de producção ja foram de dois cruzados novos, venho agora a podêr com este mesmo dinheiro — dois cruzados novos — obter dois d'esses objectos em vez d'um; e por consequencia a barateza equivale a maior utilidade.

75 Fica pois claramente demonstrado que os progressos da industria são vantajosos para os consummidores, isto é: para a sociedade em geral. Por outra parte, quando um imprehendedor obtem mais productos com a mesma despeza, não é evidente que sem prejuizo seu poderá dar o seu producto mais barato? Quanto mais elle abater no preço dos seus productos maior número achará de consummidores que lhe deem em muitas porções o mesmo ganho que elle d'antes tinha n'uma so. Tambem quando se aperfeiçoam os processos acontece muitas vezes que a grande producção se faz tam facilmente como a pequena.

76 Não se póde abater no custo da producção sem que ésta diminua, senão por algum d'estes meios:

1.° Tirando melhor partido dos instrumentos de trabalho com que o producto é feito, e cujos serviços se hão de pagar.

2.° Substituindo os serviços que se pagam por serviços gratuitos dos instrumentos naturaes não appropriados.

77 Acima fallou-se da analogia do capital material com o capital immaterial, isto é: a analogia das forças que se desinvolvem por meio do trabalho no homem e nas coisas. Resta agora explicar como todo o trabalho, na verdadeira accepção d'esta palavra, é productivo de riquezas e de productos analogos.

78 Pode-se crear uma utilidade, e até mesmo tornar-se ella objecto de permutação e ser por consequencia riqueza, sem que esteja todavia incorporada a nenhum objecto material. O medico e o advogado, por exemplo, produzem utilidades que satisfazem necessidades, e que elles vendem. Este producto immaterial é perfeitamente analogo, *economicamente* fallando, a um producto material. As tres operações do sabio, do operario, do imprehendedor, incontram-se n'esse producto. Um homem estuda medicina ou direito, faz-se sabio; quando se estabelece advogado ou medico, faz-se imprehendedor; e é operario quando visita os seus infermos ou redige os seus provarás etc. Em similhantes producções ha pois o podêr do trabalho, a applicação d'elle, e o resultado economico, quero dizer a satisfação de alguma necessidade. Mas ésta producção é *indirecta*; porque o medico, por exemplo, que tracta dos seus infermos que são productores, contribue assim para que elles possam vir a trabalhar, isto é: tornar a produzir.

79 Póde haver tambem trabalho improductivo; o de um doido, por exemplo; mas isto não é trabalho. O ocioso tambem não trabalha, sacrifica á preguiça.

80 Sem me deter mais n'este ponto — productos immateriaes — cuja appreciação analytica nos poderia fazer embrenhar muito na sciencia, contento-me em fazer observar que todas as industrias immateriaes entram mais ou menos nos dominios da economia. As artes physicas, intellectuaes e moraes, todas as funcções que obram nos homens e aperfeiçoam as suas faculdades, são regidas pelas mesmas leis economicas como aquellas que obram sôbre as coisas.

81 A producção dos productos materiaes reduz-se a tomar as materias-primas e affeiçoal-as de modo que tenham mais valor. A isto chama-se *industria*. A industria é uma so; mas achou-se conveniente dividil-a e estudal-a em grupos. O trabalho, distingue-se pois, geralmente fallando:

1.° Industria-agricula, ou *Agricultura*.

2.° Industria-fabril, ou *industria* propriamente ditta.

3.° Industria-commercial, ou *commercio*.

4.° Industria-extractiva, que comprehende a ex-

ploração das minas, as florestas, a pesca, e tudo mais que tem por fim a extracção, e que so forçadamente tem sido comprehendido até agora nas outras tres primeiras divisões.

(*Continúa.*)

FRACTURA OBLIQUA DO FEMUR NÃO CONSOLIDADA.

885 Esta maxima, que a antiguidade julgou digna de gravar no frontespicio do tempo de Apollo — *nosce te ipsum* — , é um dos mais bellos preceitos, que podiam dar ao homem. Qualquer que seja sua applicação, ella será sempre justa, quer ella nos guie em nossos estudos, ou em nossas meditações. Entre tão numerosas e variadas molestias que vi desde outubro de 1843 até março de 1844, e que me serviram para firmar as theorias outrora colhidas, escolhi uma, que não sendo a primeira, comtudo não é muito frequente; havendo demais poder conservar-se no *gabinete anatomico pathologico*, e servir de documento aos espiritos observadores, tendo em vista os conselhos que Riolan dava aos seus discipulos.— é preciso não accommodar as cousas ao seu espirito, mas submetter seu espirito á natureza das cousas, alias os desvarios serão funestos. Recordaremos o que dizia Senac, — cada seculo tem tido sua philosophia, assim como suas modas: os espiritos mais sabios as tem desprezado, os factos unicos que elles tem ajuntado lhe tem segurado o titulo de grandes medicos; e aquelles, que tem querido penetrar até aos principios, são esquecidos ou citados como desvario inevitavel, quando se sabe dos limites dos sentidos, que são quasi sempre os do espirito. Hippocrates, que soube desviar-se dos erros da phisica do seu tempo, fundou a medicina pratica. Empirico puro, observador sincero, e expectador da natureza, é o melhor modelo, que alcançará gloria aquelles que o seguirem, e que se guiarem pelo espirito d'este grande homem. Para isto é preciso ter exacto conhecimento da anatomia phisiologica e pathologica; este conhecimento perfeito será o fio de conducta da boa pratica. A anatomia é a geographia do medico *ut ad historiæ fidem geographia, sic ad rem medicam humani corporis descriptio pernoscenda.* (Riolan.)

Manuel da Costa, 85 annos de idade, temperamento sanguineo, cabouqueiro, natural de Porto-Brandão, conta que, em 1826 tractando do arrebentamento da pedra e em consequencia da explosão, uma lasca se levantára e lhe cahira sôbre a coxa esquerda, que lh'a fracturou. Veio para o hospital, e recolheu á infermaria de San'Pedro, aonde foi tractado pelo Sr. Dr. Cordeiro por espaço de quatro mezes. Ignora o nome dos apparelhos que usara no seu tractamento, e so recordado está de lhe terem posto uma talla muito comprida pelo lado de fora, e outra menos pelo de dentro, uma fita passada ao pé, que o puxava, (*apparelho de extensão continua*); que passados quasi dous mezes lhe tiraram o apparelho, e lhe fizeram uma conferencia, em que decidiram a reapplicação de um outro, composto de tiras de panno embebidas em claras de ovo, tallas e ligaduras. Com este apparelho sahiu do hospital passados quatro mezes, que esteve em tractamento, sem a fractura consolidada, andando com muletas; algum tempo depois tirou o apparelho: assim se conservou até ao dia 6 de maio de 1844, em que entrou para a infermaria de San'José, onde eu e o Sr. Dr. F. A. Barral o observámos com a fractura não consolidada no meio do femur esquerdo. (Falsa articulação, permittindo movimentos em todos os sentidos, da classe das obliquas de cima e de dentro para baixo e para fóra.) Articulação femuro-tibial ankylosada; todo o membro atrophiado.

Paralysia da bexiga, complicada de catarrho chronico, urinando por regorgitação, sendo necessario tirar a urina com a algalia; urina com sedimento mucoso e algumas areas, ultimamente sahindo com algum sangue: accusa sede, lingua secca; pulso frequente. Depois de estar no hospital estes symptomas se exasperam, e a elles succumbiu.

Autopsia. — Levantada a camada muscular do triceps crural, que involve os dous terços inferiores do femur, achei uma capsula de tecido cellular condensado com fibras lançadas no sentido da fractura de um extremo ao outro, de tal modo resistentes e unidas que simulavam bem a capsula da articulação ileo-femural; na parte correspondente á linha aspera do femur havia maior resistencia devida á adherencia das fibras tendinosas. Esta capsula terá de comprimento polegada e meia, adherente aos dous extremos na extenção de 4 a 6 linhas pouco mais ou menos: é bastante espessa, e forrada por uma membrana que tem toda a similhança com as synoviaes. N'este estado ficou conservada, e existe no gabinete.

Adherencia das superfices articulares da articulação femuro-tibial: musculos da parte anterior e posterior da perna, á excepção dos gemeos e solhar, degenerados ou transformados em tecido gorduroso; o tendão de Achiles estava entremeado com muito tecido cellular.

Seria ocioso numerar os esclarecimentos que a therapeutica póde tirar d'este facto. A *simples extensão*, a *flexão* tão recommenpada por Pott, a *extenção continua*, os apparelhos antigamente conhecidos, os innovados para satisfazer aos methodos de tractamento, que tem por fim a consolidação dos extremos sem disformidade, tudo isto nos leva a contemplar este facto tão util e recommendavel. Mas a pathogenia conta mais este caso para reforçar as indagações recentes feitas por Becard, e seguidas por Gueretin, as quaes provam — que ha relação entre a direcção do conducto nutritivo dos onos longos, e a epocha aonde suas apophyses se unem á diaphise. No membro superior, por exemplo, se se segue a evolução do humero, vê-se que é no extremo inferior que primeiro tem logar a união, porque o conducto nutritivo do ono se dirige de cima para baixo. Nos onos do antebraço o conducto se dirige para cima, e por isso a união tem logar primeiro no cotovello. Nos membros inferiores, as epiphyses que constituem o joelho são as ultimas a unir-se, porque no femur o conducto nutritivo se dirige para cima, e para os onos da perna se dirige para baixo. Parece que as epiphyses que ficam para o lado aonde se dirige a arteria nutritiva, que conduz o sangue arterial, são as primeiras que acabam sua evolução.

Estes dados não devem ser perdidos para a pathologia, e devemos applical-os ás molestias dos ossos. N'este sentido Gueretin tem seguido suas indagações. Vê-se da tabella das suas observações e relação que ha

entre as fracturas não consolidadas, e a direcção das arterias nutritivas. As não consolidações serão sempre mais frequentes nos pontos oppostos á direcção da arteria nutritiva. Gueretin conta nove casos de não consolidação das fracturas do humero acima do buraco nutritivo, e quatro abaixo.

N'esta minha observação o conducto nutritivo achava-se acima da fractura.

Lisboa 7 de outubro de 1846.

A. M. S. Brilhante.

BOTANICA.

I.

O PINHEIRO. *

886 A familia das coniferas com o seu aspecto triste e desagradavel, não é menos interessante do que outros grupos vejetaes onde os individuos que os constituem affectam fórmas bellas, e ingraçadas. Não se póde negar que a natureza compença a elegancia das fórmas pelo maravilhoso dos attributos com que dota os seres menos esbeltos, e incantadores; as sciencias naturaes apresentam-nos bastantes d'estes exemplos; basta so lançar um golpe de vista sôbre a Phana, e sôbre a Flora dos diversos paizes para nos convencermos d'esta verdade.

Sem buscarmos exemplos pouco menos conhecidos, encontrâmos mesmo no nosso paiz provas do do que levamos ditto. A rosa com toda a sua formusura, com o mimoso das suas petalas, com o suave aroma que derrama na atmosphera, não soffre comparação com a espiga que coroa um colmo, e que encerra o alimento do homem que a poz em circumstancias de vejetar.

A batata rastejando sôbre a terra é mais util que a violeta alcatifando o solo; as *coniferas* com a sua apparencia triste, e pouco agradavel, são por extremo mais uteis do que muitas outras plantas que por ahi nos incantam. É pois de um individuo d'esta familia que eu hoje heide fallar; que me perdoem se disser cousas ja sabidas, mas accreditem que as foi tirar de uns apontamentos que fiz para uma obra que mais cedo ou mais tarde hade apparecer por esse mundo.

A disposição organica da familia das coniferas é por extremo importante, por isso que lhe dá um aspecto todo particular, e que não tem nada de commum com a maior parte das outras plantas phanerogamas. Todos conhecem o pinheiro e por isso escusado é, que eu me ponha a prégar em phrases glossologicas, que a maior parte da gente não intende. Basta dizer que pertence á segunda divisão; sexta classe; e quadragesima settima familia de Jussieu, e á monadelphia de Linneu. O pinheiro eleva-se muito, e conserva as suas folhas sempre verdes; o seu tronco é lizo, direito, duro, e por extremo aromatico, o que é devido a grande parte de resina que contém no seu interior. Esta arvore tam util da-se nos logares montanhosos, pedregosos, e desabridos, sem que demande grandes cuidados para a sua cultura. As folhas d'estas arvores cortadas constituem um famoso combustivel não so para as casas de provincia, mas sôbre tudo para aquecer os fornos onde se coze o pão. O seu fructo subjeito á acção do fogo deixa cahir as amendoas, as quaes não so constituem um negocio em que se occupam no nosso paiz algumas familias pobres, colhendo dahi alguns resultado, mas subjeitos á pressão deixam transudar um oleo em grande quantidade, o qual póde aproveitar não so para os usos culinarios, mas tambem nas artes, e na illuminação. A madeira convenientemente cortada tem immensos usos para construcção naval, e civil.

A medicina aproveita ainda o pinheiro para extrahir-lhe, por diversos processos, substancias que tem bastante utilidade na cura das molestias.

O *Galipó* é por exemplo uma resina que efflorescе á superfice d'alguns pinheiros; a terebentina obtem-se por incisões nos pinheiros; a *resina amarella* obtem-se por destillação da terebentina; se esta destillação fôr levada mais longe o residuo constitue *o pez louro*. Os pinheiros velhos, e os filtros de palha atravez dos quaes se filtra a resina, sendo submettidos convenientemente á combustão dão o pez negro, o qual bem como os outros productos recebem numerosas applicações tanto nas artes como na medicina. Do que levo mencionado pode concluir-se a grande utilidade que ha em cultivar o pinheiro, e em escolher para a cultura aquella especie que offerecer maior numero de vantagens.

Qual será esta especie, e qual o methodo de cultura a pôr em pratica? Eis o que nós vamos indicar. Duhamel, Poiteau, Richard e outros, fazendo menção de uma especie de pinheiro natural de Riga, recomendam-no como mui proprio para todas as construções, e a melhor de todas as especies do genero pinus até agora conhecidas. Esta arvore tem sido estimada em todos os paizes, e procurada com bastante diligencia existe hoje em muitas nações que tem feito acquisição d'ella; o governo francez mandou vir a semente da Russia, que se semeou em um bosque perto de Rochefort, e no de Fontaineblau existe egualmente um grande espaço consagrado á cultura d'esta especie.

Em Portugal algumas tentativas se teem feito para introduzir o pinheiro de Riga, que julgamos ser o *pinus rubra de L.* Parece-nos que o Illm.º Sr. Batalha foi quem primeiro trouxe semente d'esta especie para o nosso paiz; hoje porém o Sr. Bernardino José de Carvalho mandou vir nova porção de semente que vende na sua estancia ao Poço-do-Borratem por um preço excessivamente pequeno, pois apenas tem em vista o vulgarisal-o.

No jardim da eschola Medico-Chirurgica fez-se uma pequena sementeira, e o resultado foi maravilhoso. É porem forçoso confessar que a cultura d'estas arvores deve ser muito estudada. Quanto ás primeiras experiencias lembrâmos o fazer as sementeiras em caixas ou vasos cheios de uma terra que se encontra na outra banda do Tejo, e cuja composição e propriedades phisicas a tornam mui propria para dar nutricção ás raizes delicadas da planta que começa a existir. Em os pinheiros estando um pouco crescidos deve effeituar-se a mudança para um terreno convenientemente preparado, e na sua collocação convem guardar uma certa simetria, que facillite a passagem por entre elles, afim de se lhe poderem com facilidade fazer as incisões, mas tambem para cultivar nos espaços que deixam entre si algumas plantas herbaceas uteis, mas de pouca duração e de pequeno porte.

João José de Sousa Telles.

* Este artigo parava ha tempo n'esta redacção.

HOSPITAL DE SAN'JOSÉ.

887 *Sr. Redactor.* — Lendo-se na REVISTA n.° 21 e 22 uns artigos, que dizem respeito ao hospital de San'José, e havendo n'elles algumas inexactidões, provenientes certamente de não serem tambem exactas as informações que sobre tal objecto se obtiveram ou se offereceram; rogo a V. , que em abono da verdade, e para atenuar alguma impressão desagradavel que elles causassem no publico, se sirva dar publicidade, na mesma REVISTA, a éstas poucas reflexões.

Nota-se alli a imperfeição e erros com que teem sido publicados, nos dois procedentes annos, os mappas estatisticos das doenças, e pertende-se attribuir essa imperfeição e erros a quem, decerto, nem contribuiu para elles, nem podia prevenil-os se não agora que os factos e a experiencia vão aconselhando o systema que, a tal respeito, se deve seguir.

Na casa dos assentos, que ha no hospital de San'José, é onde se processa um registro minucioso do movimento dos infermos, desde que n'elle entram até que sahem vivos ou mortos. Um livro competente, riscado em forma de mappa, serve para se escrever o nome do infermo, annos de idade, estado, profissão, naturalidade, residencia, nome de pae, data da entrada, effeitos com que entrou e o numero da infermaria e da cama para onde vai: este registo é depois copiado n'uma denominada *Papeleta* que acompanha o doente, e se colloca na cabeceira da sua respectiva cama; levando assim todos os dizeres preenchidos, á excepção do nome da molestia, porque esse é dado e escripto pelo facultativo respectivo.

Quando o doente sahe ou fallece, volta aquella *papeleta* á casa dos assentos, enchendo-se então a lacuna que la havia ficado no livro, que é justamente o nome da molestia que, como fica ditto, é sempre escripto pelo facultativo da infermaria, onde o doente se curou ou socumbiu.

O nome pois da molestia, escripto no ja mencionado livro, lança-se tambem n'um quaderno alphabetico, creado para d'elle se extrahirem os taes mappas estatisticos em questão; e se estes são os unicos elementos que concorrem na confecção d'elles, é obvio que todas as omissões ou erros proveem de quem originalmente escreveu o nome das molestias, e os casos que relativamente occorreram. Agora porém, o que é summamente justo, e com muito fundamento lembra o primeiro d'aquelles artigos é — que não sendo habeis para conhecer a synonymia das doenças senão os facultativos, convém que a algum d'elles sejam submettidos aquelles mappas, para que uma mesma doença não venha n'elles designada por dois ou mais nomes; sendo tambem certo que o maior ou menor escrupulo na anatomia pathologica, que deve reduzir o numero das molestias indeterminadas, a pureza da orthographia, a propriedade nas terminações, e outras faltas, e incorrecções notadas no mesmo artigo, tudo pertence á sciencia, não devendo ser d'ellas responsavel quem simplesmente copia.

A asserção que alli se avança de que os facultativos não são consultados relativamente a obras e outras circumstancias do hospital, não é exacta; e entre outros argumentos que podiam produzir-se para o provar, bastará fazer menção da portaria de 22 de março de 1845, em que a commissão administrativa do hospital de San'José, pede a todos os facultativos d'elle o seu parecer por escripto, á cerca do estado do serviço economico, sanitario e alimenticio das infermarias a seu cargo; dos melhoramentos que se fizeram n'estes serviços, e dos que, no intender dos mesmos facultativos, se podem introduzir ainda.

O mesmo facto da pinça, apontado n'aquelle artigo, corrobora a idea de que as representações dos facultativos jamais são desconsideradas; por quanto, se no deposito geral da fazenda do hospital se hesitou em fornecer a pinça, requisitada extraordinariamente, em consequencia da portaria de 31 de janeiro de 1846 ordenar, que o fiel d'aquelle deposito «*não satisfaça sem authorisação da commissão, as requisições de objetos que não sejam de reconhecida e immediata necessidade*» logo que o facultativo ractificou a necessidade de mais aquella pinça, mandou-se dar, e foi immediatamente fornecida.

Como, finalmente, éstas particularidades, nem são conhecidas do publico, nem certamente dos que redigiram aquelles artigos, pareceu-me conveniente, e para triumpho da verdade, rogar, como rogo, a V. a sua publicidade, que em nada offende e somente illucida.

Lisboa 26 de outubro de 1846. Sou de V. etc.

Um empregado do hospital de San'José.

INSTRUCÇÃO PUBLICA. *

888 Nenhuma revolução de mão armada, quanto a mim, vale a somma dos estragos que commette: nenhuma d'ellas obtem os fins que mais tarde se lhe attribuem, para as justificar. E isto por uma razão obvia, é porque os não tinha. Não os tinha no seu rompimento a de Inglaterra e menos os teve a franceza. Reformas não são revoluções: o progresso da civização não é a guerra civil. Os melhoramentos sociaes sahem do gabinete do philosopho, não provém da bruta força do campo da batalha. As revoluções com a sua violencia embrutecem a sociedade que se não restabelece dos desvarios d'ellas, senão convertendo pela educação os demolidores n'ellas, ou minando com as armas da rasão as cidadelas da anarchia que ellas deixam depois de findas com a luta material que travaram. Eu não tenho empenho na sustentação d'estas asserções, e se as emitto, é porque as delapidações que ellas apresentam não podem deixar de causar dubiedade na nossa fé pela sua pureza, e que os bens que ellas vem tarde a trazer, se misturam abintroito com grandes males.

De 481 conventos que se extinguiram em Portugal, o seu inventario em objectos preciosos de oiro, prata e joias, não produziu mais para o Estado do que 188,106$038 réis. Não irei n'este momento procurar qual foi a importancia de bens ecclesiasticos que foram *profanados* pela revolução franceza, porém indicarei um facto menos conhecido talvez, o qual é, que se secularisaram naquelle tempo, 1,700,000 monumentos religiosos, não contando capelas particulares, nos quaes haviam 4,292,500 estatuas e outras tantas pinturas em busto. Edificios que so n'estes dois artigos tinham tanta quantidade, deviam ter muitas outras riquezas, e por conseguinte servirem de espolio

* Continuado de pag. 243.

para saciar os seus administradores. Pela mesma rasão, quando em Portugal se deu a rol 188,106$038 réis, quanto não deviam ter tido mais, os conventos, donde sahiu ésta quantia somente para o thesoiro, segundo as contas officiaes, donde a extrahimos?

Não é porcerto em tempos taes, quando toda a sociedade está fóra dos seus eixos, que se cuida seriamente na instrucção util do povo. A assemblea constituinte traçou (13 — 14 de setembro de 1791) planos de estudos primarios, mas não se executaram, nem mais nada buscaram n'esses planos seus auctores, senão foi, brilharem. O ensino das primeiras letras, foi pela assemblea decretado para toda a França a 1,200 francos ou 192,000 réis, e a apozentadoria para os mestres todos. Hoje mesmo os mestres mais bem dotados de Paris não recebem mais do que esses mesmos 1,200 francos sem aposentadoria; e os de aldea, muitos, não recebem mais de 300 francos, ou 48,000 réis. Para se bem apreciar o excesso que havia do tempo da revolução para o tempo de agora, na dotação que ella propunha deve ter-se em lembrança o quanto a França tem augmentado em riqueza, ha 50 annos a ésta parte.

O que florece sem competição em epochas em que o facto sobrepuja o direito, e que a posse constitue toda a propiedade, são as armas. E ellas deixaram taes recordações na grande nação, que ainda hoje, é um tambor-mór na igreja dos invalidos (*), que de chapeu armado na cabeça, bate, todo o ceremonial, com o couto do seu bastão no pavimento de pedra, durante o sacrificio da missa. As ideas de quartel que este gentilico estrepito suscita, que por certo se não quaduna com o acatamento devido á Magestade Divina diante da qual não deve haver senão o silencio, não póde deixar de affugentar o povo, do commercio dos jejuns, orações e penitencias com o ceu, ainda que o seu ganho seja de cento por um. A este affastamento nos fieis é provavelmente que se devem lançar os embaraços que houveram, para dar um destino ao magnifico edificio da Magdalena, que afinal ficou para igreja.

No cataclismo acontecido em 1790, desamparado o povo, do seu arrimo, que tem sido em todos os seculos da christandade, a religião, e não podendo elle viver em alvo, porque o seu espirito precisa mais que nenhum outro de refrigerio, virou-se então todo para a contemplação das artes e sciencias e o magisterio d'ellas. É de pasmar as *bonnes*, as crianças, homens e mulheres, das classes mais humildes, que enxameam os magnificos salões do Louvre, vendo, revendo e analysando cada um a seu modo as 6 a 7,000 pinturas, todas de artistas de nome, que cobrem as paredes daquelle palacio. Não é so aqui que se apresenta a gente em chusma. Eu tive occasião uma noite de ir ao conservatorio das artes e officios, ouvir uma prelecção de Blanqui sobre economia politica. Entrando no amphitheatro onde caberão 1,200 pessoas foi preciso pedir licença á pessoa que estava a meu lado, para me poder assentar, o que ella logo me franqueou com proprio incommodo, em attenção a eu ser extrangeiro. A licção entretanto era sobre o credito publico, e não bem tractada e especialmente sem novidade, d'onde se deve colligir que o incentivo para tanto concurso, não póde ser senão a necessidade de ter a intelligencia em exercicio.

Feitos todos os descontos, as nossas circumstancias não deixam de ter algumas parcenças com as de França, e pertendendo nós reconstruir as nossas instituições sobre os modelos que ella nos offerece, é preciso adoptar os meios que ella applica aos fins, accomodando uma coisa e outra, ao nosso paiz. Ésta adopção é urgente principalmente pelo que toca á instrucção publica. Nós devemos mais á epocha de Camões, a nossa independencia do que ás nossas armas. Se elle não tivesse eternizado a nossa lingua, póde bem ser que este problema tivesse tido a sua ultima solução nas praias d'Africa. É de tanta consequencia a uniformidade e por conseguinte cultivação de uma lingua para a integralidade de uma nação, que por nenhuma outra causa terá tanto como essa, a França sempre volvido aos limites do seu dialecto, depois de os ter ja ido por vezes demarcar com as armas geographicamente pela Italia e pela Allemanha dentro, no tempe de Francisco I, Luiz XIV, e de Napoleão.

Concluindo ésta introducção digressiva observarei áquelles que estimarem a sua nação, á parte a instrucção de que ella carece, que ella não póde existir, não póde permanecer n'esse desalinho n'esse desprezo em que jaz, a respeito da sua civilisação. As nações não pódem viver sem felicidade, sem algum contentamento, é preciso n'ellas alguma feição pulcra e nitida, d'onde tirem desvanecimento para poderem supportar os sacrificios que são necessarios para continuar com a sua existencia. Não é as familias no seu particular unicamente, que tem adquirido mais luxo do que tinham, os reinos que se não compõem senão de familias, tambem o tem adquirido, e vendo que algum de entre elles se descuida se deixa ficar, e não olha por si, ja os outros o abandonam, não o estimam; declinam as suas relações, envergonham-se d'elle para a sua companhia; ultrajam-no e mofam d'elle.

Segue o projecto de instrução publica e as suas annotações.

(Continúa.) *C. A. da Costa.*

(*) Não vi alli pendurados por tropheos, senão algumas bandeiras de regimentos do nosso Algarve, que eram bem reclamadas, visto que todas as outras nações tem recebido as suas, e portanto assim alli isoladas as nossas, ja não fazem senão o nosso vilipendio, sem fazerem brazão á nação que as possue. Dirão que isto não vale nada, e eu direi que uma nação em tudo deve cuidar. Bastava a tentativa da reclamação para nos darmos a respeitar e mostrar que sabemos, posto que pequenos, avaliar a nossa dignidade nacional.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XLVII.

Carta de Carlos a Joanninha :. continua.

889 Chegámos ao Inn, (estalagem) triste casa solitaria no meio dos campos á borda daestrada. A malla chegava ao mesmo tempo quasi.

Eu dei a mão a Laura para sahir da caleche e entrar no coche; e apenas tivemos tempo para um convulsivo shake-hands e para nos dizer adeus! adeus! com a affectada seccura que exigem as leis da conveniencia britannica.

A malla partiu ao grande trote; e dir-te-hei a verdade ou queres que minta? Não, heide dizer-te a verdade. Pois senti como um alívio desesperado, uma consolação cruel em a ver partir. Senti o que imagino que deve sentir um infêrmo depois da operação dolorosa em que lhe amputaram parte do corpo com que ja não podia viver, e que era forçoso perder ou perder a vida.

Tambem deve de ser assim a morte: um descanço apathico e nullo depois de inexplicavel padecer.

Era como morto que eu estava; não soffria pois.

E ja não pensava em ti, ja te não via na minha alma: eu não existia, estava alli.

Voltámos ao parque; apeei silenciosamente as minhas duas gentis companheiras, e eu fui so, apé, com passo firme e resoluto para a minha habitação. Nenhuma d'ellas me procurou retter, nem me disse nada, nem tentou consolar-me. Para quê?

L. William R. chegava na manhan seguinte de uma de suas habituaes excursões a Londres. Veio ver-me assim que chegou, e trazer-me cartas de Portugal que eu esperava ha muito. — Disse-me que partia no outro dia para Swansea, a terra de Galles para onde Laura fôra; e que me incarregava de fazer companhia ás duas filhas que ficavam sos.

A mim!..

Estive tres dias sem as ver: em todos tres não fiz mais do que escrever a Laura.

No quarto dia fui ao parque. Julia deu um grito de alegria quando me viu: raro exemplo de excepção ás formuladas regras que tyrannizam a vida ingleza, que prescrevem até a cara com que se hade morrer, e teem graduado o tom em que se deve exhalar o último suspiro.

Mas a natureza chega a triumphar ás vezes até da propria etiqueta britannica.

Julia cuidava que eu não queria voltar áquella casa, tinha-se resignado a não tornar a verme; não pôde reprimir a alegria que lhe causou a minha inexperada apparição.

Passámos todo o dia junctos e sos: quasi todo se nos foi passeando no parque, ou sentados á sombra de seus espessos arvoredos, ou mirando-nos nas crystallinas aguas de uma vasta represa povoada de aves aquaticas e rodeada d'aquelles immensos mantos de velludo verde de que perpetuamente se infeita a terra ingleza e que so desapparecem quando vem o bynverno extender-lhe porcima seus alvos lençoes de neve.

Quiz vêr o que eu escrevia á irman; dei-lhe a carta, leu-a, meditou-a, restituiu-m'a sem dizer palavra.

Que horas passámos n'este silencio, n'esta eloquente mudez que não vem senão do muito de mais que a alma sente, do muito de mais que diria se fallasse!

Á despedida, essa noite, deu-me uma bolsa de rede que Laura tinha estado fazendo para mim e que lhe deixára para me intregar. Senti que tinha dentro o que quer que fosse a bolsa, não quiz examinar. Achei, quando cheguei a casa, que era o *fadado cinto* de vidrilhos pretos que eu tanto tinha admirado em certo baile onde foramos junctos, e que Laura não deixára de pôr nunca mais em se vestindo de branco e que fizesse alguma toilette.

Ainda o conservo aquelle cinto precioso, Joanna; ainda a tenho, no men thesoiro mais guardado, aquella joia, aquella reliquia. E amo-te, e amo-te a ti so como realmente nunca amei nem poderei tornar a amar. Mas aquelle cinto é uma sorte, um talisman, um amuleto em que está o meu destino.

Amei... isto é, amei... pois sim, amei, ja que não ha outra palavra n'estas estupidas linguas que fallam os homens; pois amei outras mulheres, e nos dias de maior enthusiasmo por ellas, não deixei nunca de beijar devotamente aquelle cinto, de o appertar sôbre o meu coração, de me incommendar a elle — como o salteador napolitano se incommenda ao escapulario da madona que traz ao peito, com as mãos insanguentadas de matar, ou carregado do roubo que acaba de fazer.

Ai, Joanna, não te digo eu que estou perdido, sem remedio, e que para mim não ha, não póde haver salvação nunca?

Vivi assim dois mezes. Laura não me escrevia: recebia as minhas cartas e respondia a Julia: por este modo nos correspondiamos. Julia era parte de nós, era uma porção do nosso amor, viviamos n'ella a nossa vida. Eu ja as confundia ambas por tal modo no meu coração que me surpreendia a não saber a qual queria mais. Julia parecia feliz d'este estado; eu era-o. Insensivelmente me habituei a elle, ja não tinha saudades do passado. E quando se approximou o casamento de Laura, que ella tinha de voltar de Galles, e que eu fiel ao que promettêra, devia pretextar negocio urgentissimo em Londres que me obrigasse a ausentar-me até á sua partida para a India, eu tive uma pena, uma difficuldade em cumprir o que promettêra que me invergonhava.

Parti porêm; e alli me demorei um mez. Julia escrevia-me todos os dias e eu a ella. Na véspera do dia fatal em que Laura ia ser de outro homem, Julia escreveu-me éstas palavras sos: — ' O nosso romance acabou; começa uma historia ' séria. Laura manda-lhe o seu último adeus.'

E nunca mais se escreveu nem se pronunciou o nome de Laura entre nós dous.

O galeão que me levava para o Oriente as ruinas de toda a minha esperança ha muito que navegava; entrava outubro e o hynverno inglez com com suas mais asperas e n'este anno tam precoces severidades. Eu sentia-me morrer de tristeza e de isolamento no meio da populosa e turbulenta Londres, Julia percebeu-o, e mandou-me voltar a — shire. Voltei.

(Continúa.) *A. G.*

CRITICA-LITTERARIA.

Os quatro-irmãos — Romance por *A. Pereira da Cunha.*

890 A 2.ª parte dos *Contos da minha terra*, empresa popular cujo pensamento me parece um dos mais illustres e nacionaes que escriptores possam ter, acaba de ser publicada n'um bonito folheto de oitavo francez, com o titulo de *Os quatro-irmãos.* É um romance que os leitores da Revista primeiro tiveram o gosto de ler, dividido em capitulos, nas columnas d'este jornal.

O romanceador d'esta terrivel e tragica tradição do Minho, não exagerou nem embelecou o seu negro quadro de nenhum d'esses atavios prestados pela imaginação ao escriptor que tece uma historia verosimil, mas phantastica, sôbre uma aventura real ou characteres verdadeiros. Foi se á tradição singella e porventura imperfeita como a achou, fez como fizera ao *Macilgado* (a primeira parte dos *Contos da minha terra*), pôs apenas palavras na bocca dos personagens que appareciam em scena, deu-lhes voz porque lhes quiz dar vida; fel-os fallar como suppoz que teriam fallado nas differentes phases porque forçosamente houveram de passar para chegar á situação do desfecho — á catastrophe — e aqui está tudo quanto o auctor se permittiu trazendo á escripta o caso horrendo que de bocca em bocca se recolhe e conta pela sua bella provincia do Minho.

Não sei se o auctor fez bem na ostentação de uma singelleza tam nua como a verdade, que é tanto do povo mas que é agora tam pouco popular. O romance hoje quer ter *verdade* mas não quer ter *realidade.* E comeffeito, actualmente, os romances a que eu vejo dar maior applauso são exactamente aquelles que menos realidade teem. Gosta-se hoje de uma verdade idealizada, das mesquinhezas da vida agigantadas pela imaginação: de modo que a mulher casta hade ser sempre Lucrécia, o bobo um Triboulet, o hypocrita um Rodin, etc.; e quando se ve um *maluco* so maluco e mau como todos os malucos *reaes*, os amantes so amantes e ciosos, como todos os amantes etc; quando o interesse procede so da situação da vida commum, e o desfecho vem meramente do facto, sem *intriga* que complique os accidentes, sem phantasmagoria que ingrandeça os objectos, é de temer que a nota de pouco interessante recaia n'uma obra sem ouropeis. Não sei pois, torno a dizer, se o auctor fez bem em fazer um *conto* de uma historia tradicional que lhe dava assumpto para um romance em dez volumes como é moda hoje fazerem-se, quem os sabe fazer.

Mas o pensamento do auctor é unicamente recolher, archivar, registrar, em breves paginas os *contos da sua terra*, as historias tradicionaes da sua provincia. O topico que toquei, ou que, para melhor dizer, alguem tocou primeiro, não póde ser debatido, apezar de todo o interesse que apresenta, porque está fóra do combate, não entrou na esphera da concepção do auctor, ou porventura compilador, dos *Contos da minha terra.* Assim como se teem recolhido as balladas, romances, solaus etc., da meia-idade; e ainda as coplas, cantigas etc. posteriores, de quasi todos os povos, o Sr. Pereira da Cunha, teve tambem a boa idea — bem haja elle — de colligir, recolher, concertar, redigir e publicar as tradições prosaicas, as historias populares, cujos vestigios existem, até monumentaes; como tambem se compilaram lendas e redigiram actas de sanctos, servos-de-Deus, milagres e outras maravilhas.

Pela minha parte approvo a idea, que muito desejaria ver diffundida e multiplicada. Parece-me condigna a fórma de a executar, porque seria falsear o pensamento da empresa confundir e embaraçar nos labyrinthos da imaginação a singelleza dos factos. Escrevel-os como elles se contam, é conserval-os, *romanceal-os* como elles poderiam ter sido, seria falsifical-os.

Penso assim; mas dizendo isto não se deprehenda que *Os quatro-irmãos* é obra destituida de interesse, despida de todas as bellezas que lhe poderiam provir de um talento poetico. Muitas d'estas bellezas effectivamente se encontram nos capitulos d'esta lastimosa historia: e para não apontar todas, que necessito terminar, apontarei como mais principaes, segundo me parece, o travado e naturalidade do dialogo, a propriedade do estylo, e a côr local das descripções e linguagem, cuidadosamente empregada com discrição e parcimonia.

TYPOGRAPHIA.

891 Consta-nos que muitos dos nossos primeiros litteratos tem tido frequentes reuniões, sôbre o modo de melhorar o estado da nossa typographia, elevando-se ao grau de perfeição, em que se acha entre as nações cultas: ja algumas commissões tem dado os seus pareceres sôbre diversos quesitos, e tem sido publicadas nos papeis publicos. Folgamos de ver que ainda ha quem tome interesse pelas nossas lettras, que até agora so tem merecido um despreso acintoso, e até perseguições aos que melhor as cultivavam, não so por que convinha aos interesses monachaes o conservar os povos na ignorancia, mas porque govêrnos timidos sonhavam em tudo conspirações, e muito especialmente no theatro. Tempo houve, em que era mais facil conseguir uma commenda, ou uma tença, que a licença para a representação de uma peça. E vimos uma vez todos os directores de theatros particulares intimados para os fecharem debaixo de graves penas, como se

os individuos, que com elles se intretinham e andavam embebidos em ensaios e intrigas de bastidores fossem capazes de incorrer nas suspeitas da policia.

Não podemos deixar de tributar os merecidos louvores ás pessoas que tomaram a honrosa tarefa de advogar a causa de uma arte tam interessante, e que nos seus principios floresceu entre nós mais prospera, que entre outros povos, que hoje tanto blasonam da sua perfeição; conhecemos porém que o resultado doa seus trabalhos, não corresponderá a sua diligencia. Ganha é verdade, o jornalismo se lhe conseguirem a exempção de pagamento de correio, e se diminuirem os impostos que carregam o papel de imprimir de fabrico extrangeiro, mas quanto ao aperfeiçoamento da arte, não acreditamos n'elle: as causas que condemnaram a typographia a ficar sempre aterrada entre nós são tam visiveis, como incapazes de remediar.

É impossivel de toda a impossibilidades que uma arte que não fornece aos que a cultivam ao menos o necessario, possa desafiar os seus cultores a empenhar-se no seu aperfeiçoamento. Ora como hãode os nossos typographos esmerar-se no seu trabalho, se d'elle apenas tiram um pequeno salario, que nem lhes dá para accudirem ás primeiras necessidades da vida?

Portugal é o paiz em que menos se le, e por consequencia em que menos se imprime: os seus leitores apenas fazem uma decima parte dos seus habitantes, e n'esta parte leitora a metade so le novellas, ou as Horas-marianas, Relicario-Angelico, e alguns entremezes; e a outra metade quasi que não le senão por livros extrangeiros; onde estão pois essas edicções nitidas, em que possa brilhar a pericia dos impressores?

Os nossos livreiros, nem compram livros para imprimir, nem fazem novas impressões dos ja impressos. Os auctores ainda que escrevam raras vezes imprimem, porque sabem perfeitamente que com isso não fazem mais do que perder dinheiro. A nossa lingua inteiramente desconhecida na Europa, faz que os nossos livros não sejam conhecidos nos mercados d'ella: todo o consummo de livros póde dizer-se que se faz em Lisboa, Porto, e Coimbra, e por isso a edicção de mil exemplares, quando seja muito feliz nunca se esgota em menos de trez annos, do que se segue que a mais miseravel obra franceza dá mais lucro ao seu auctordo que a mais bem conceituada, e recibida edicção portugueza, porque so os paizes extrangeiros consommem alguns milhares de exemplares, pois a lingua franceza é uma lingua universal, que se acha propagado por todo o mundo.

D'aqui vem a raridade, e carestia dos nossos classicos, e alguns d'elles estão inteiramente perdidos para o publico, pois apenas apparece algum exemplar d'elle em alguma livraria antiga.

Em França, Inglaterra, e na Belgica, basta a impressão dos livros gregos, e latinos, dos seus commentarios, e traducções, para sustentar todo o anno grande numero de typographias; mas em Portugal quem se lembra de similhantes obras?

Em Hispanha fazem os livreiros mais edicções; mas além da lingua hispanhola ser conhecida em toda a Europa, o que facilita o consummo dos seus livros por exportação, até anima os francezes a fazer muitas impressões d'ellas, ainda os mesmos livreiros hispanhoes tem feito entre si uma convenção, que muito cooperara para adiantar o seu negocio, e que obsta ao impate dos seus fundos. Se por exemplo um livreiro de Madrid publica uma obra, cada um dos livreiros estabelecidos nas differentes cidades do reino, lhe compra com o devido abatimento, uma porção de exemplares, de que facilmente se desembaraçam, porque a Hispanha além de mais populosa, possue um grande numero de pessoas applicadas, e amigas da leitura, porque a instrucção está alli mais diffundida, e generalisado do que entre nós.

Talvez nos digam que podemos exportar os nossos livros para o Brazil onde tam facilmente se vendem. Não o ignoro, e sei tambem que essa facildade tem diminuido muito depois da independencia, pois se tem alli aberto muitas officinas, onde se tem feito reimpressões de muitos dos nossos livros; mas deve-se notar que além do pagamento de direitos, de frete, e de commissão, ha tambem grande perigo de não realisar o pagamento da venda, se o dono dos livros não tiver alli pessoa de confiança, que fiscalise, e diligenceie esse negocio: e será isto facil a um particular! Os brasileiros não tem os melhores creditos de bons pagadores, salvo as muitas excepçõeshonrosas, que necessariamente hade haver, e que sabemos que ha. Perguntando, mas ha annos, a um dos maiores mercadores de livros que havia em Lisboa, se tambem os mandava para o Brasil, sim, (respondeu elle) quando mos pagam antes de irem para bordo, de outro modo não faço tal negocio.

Sôbre o aperfeiçoamento da imprensa, a nossa humilde opinião, se ella deve ser tida em alguma conta, é que os meios de conseguil-a são unicamente dois 1.° que o govêrno desempenhando um dos seus mais restrictos deveres, procure todos os meios ao seu alcance de promover a instrucção publica, estabelecendo cadeiras, e fazendo-as reger por pessoas habeis, e instruidas, e não por leigos, ignorantes, mesquinhamente assalariados, e ainda em cima mal pagos; é assim que póde generalisar-se o gôsto da leitura, e por consequencia o consummo dos livros, e o augmento de trabalho para os typographos.

2.° que se estabeleça uma companhia composta de litteratos, proprietarios de officinas, e pessoas abastadas, que com um fundo sufficiente possa fazer face aos empates, e que esta companhia tome á sua conta o fazer edicçoes nitidas, mas maneiras, e baratas, como se pratica na Belgica, não so dos escriptores mais importantes gregos e romanos, mas de todos os bons livros portuguezes, fazendo-os até acompanhar de traducções francezas para os tornar mais vendiveis nos paizes extrangeiros.

Que esta companhia compre aos auctores as composições novas, depois de as fazer examinar por commissões de pessoas competentes para isso, e que as approvem; ou as imprima por sua conta dando ao auctor por uma vez somente a terça parte dos exemplares.

Que a mesma companhia tenha agentes seus nas cidades mais notaveis da Europa, no Brasil, e America do Sul, que alli promovam a venda da remessa de livros que se lhe fizerem.

A companhia porá todo o esmero em que éstas edições saiam com a maior limpeza de impressão, e de correcção typographica, empregando revisores habeis, que repetidas vezes examinem as provas.

Uma sociedade assim organisada, e proporcionando aos seus operarios trabalho permanente póde não so crear bons typographos, mas introduzir novos methodos, e machinas, que facilitem o trabalho; e a prova d'isso é que na officina nacional se imprime com muito maior perfeição, do que em todas as outras, e a razão é porque os numerosos papeis do govêrno dão aos operarios a certeza de sempre terem trabalho, e por isso olham aquelle como modo de vida, e para se conservarem procuram mais aperfeiçoar-se na sua arte; e alli temos conhecido officiaes de grande merecimento, como um chamado Crispim, e outro chamado Herminigildo, que não sabemos se ainda existem.

Quando o erudito, e zeloso patriota Frei José Velloso estabeleceu a officina chalchographica, typoplastica, e typographia do Arco-do-Cego, que serviu depois de base a actual officina nacional teve em vista o mesmo que propomos para a sociedade typographica pois que alli mandou imprimir muitos livros uteis, que comprou, ou mandou traduzir por pessoas habeis, e até alguns diccionarios, auctores antigos nossos, e mesmo classicos latinos, como Virgilio, Phedro etc. e estes trabalhos sahiram de modo, que fizeram muita honra á officina em que foram feitos.

Não podemos ver sem magoa, e sem grave despeito, e até sem grande inveja as lindas edicções, que todos os dias estão sahindo de auctores italianos, francezes, e inglezes, e hispanhoes, não so por meio de academias, e typographias, tornando assim vulgares os seus bons escriptores, mas até por diligencia de particulares como o Sr. Ochoa cuja brilhante collecção tam util se torna pela boa escolha de auctores historiadores e poetas para aquelles, que desejarem conhecer a litteratura hespanhola: ao passo que os nossos bons auctores estão esquecidos, havendo grande difficuldade em encontrar um exemplar de suas obras mesmo a peso de dinheiro. Onde se achará hoje o Cancioneiro de Resende? As obras do infante D. Pedro? As comedias de Prestres, e de Simão Machado? Sendo por isso quasi impossivel formar a historia d'essa epocha da nossa poesia? E quantas obras excellentes pela materia, e pela pureza de linguagem não existem manuscriptas? como as aventuras de D. Duardos por Gomes Eannes de Azurara, os tractados *de Hispania antiqua*, e as investigações sôbre os Celtas, tam proveitosas para o conhecimento da origem da lingua portugueza pelo doutor Antonio Ribeiro dos Sanctos, que existem na livraria publica; as copiosas composições do padre Francisco José Freire, contando-se entre ellas a traducção dos Tragicos gregos, e da Eneida, das Metamorphoses, e da Merope de Maffei, que existem na livraria de Evora, a traducção de Tucidides pelo padre Joaquim de Foyos etc. isto quando não temos em nossa lingua traduzido um so poema grego, e dos latinos somente a traducção de Virgilio, e de algumas comedias de Terencio!

É por isso que muito desejamos que uma tal sociedade se estabeleça, porque não so inspirará entre nós o gôsto da leitura, mas sendo as nossas boas obras acompanhadas de traducções francezas, é muito provavel que vulgarizando-se entre os extrangeiros lhes nasça o desejo de vel as no original, aprendendo o portuguez que será mui facil para os que tenham estudado o hispanhol, e o italiano, que tanto parentesco tem com ella.

C...

POESIA.

892 *Sr. Redactor.* — O illustrado patriotismo com que V. advoga no seu jornal o progresso intellectual e civilização da nossa desgraçada patria, foi a razão porque dei preferencia á REVISTA para n'ella tractar de dar desinvolvimento á ideia, que todos temos, de generalizar os nossos escriptos, particularmente na Hispanha, fazendo entre nós tambem conhecidos os d'esta nação irman. Confio que o conseguiremos, porque, não obstante a fraqueza das minhas forças, tenho n'esta causa poderosos auxiliares, os quaes espero virão a ser os chefes d'esta nova liga da intelligencia. Portugal não está tão atrazado como por ahi se pretende, sobram n'elle antes talentos de todos os generos, e, sôbre tudo, existe em nós, n'este povo tam abatido agora, e outrora tão heroico, um instincto admiravel, que, bem aproveitado, pode fazer d'este paiz um paraizo, e de seus habitantes, não direi que heroes, mas illustrados cultivadores e artistas, sabios e commerciantes.

Mas tudo isto sahiu-me dos bicos da penna, tão naturalmente, que ía esquecendo quasi de dizer-lhe que lhe offereço, gostoso, mais está poesia que o Sr. Bravo se dignou traduzir — a saudade — das que imprimi com a 'Osmia', a qual por minha fortuna, foi bem acceita das nossas elegantes, ás quaes, por este modo, o Sr. Bravo quiz tributar os seus obsequios. A traducção fêl-a no que chamam — romance — com attenção ao toante: o poeta sem a prisão da rima do consoante pode caminhar assim mais livremente; e forçoso é confessar que no hispanhol sahe bem. A cadencia dos versos e propriedade de estylo do illustre traductor dão todavia um certo incanto a esta poesia, que outros, d'este modo, não obteriam, e que, decerto, o original não lhes pode fornecer. O que elle diz na sua nota ácerca da palavra saudade, e da necessidade de ser introduzida no idioma hespanhol, é uma verdade, e prova bem as vantagens que nós tiraríamos reciprocamente se cultivassemos a litteratura peninsular, e fugissemos um pouco mais da franceza.

Lisboa — outubro de 1846.

José Osorio.

SAUDAD. *

— *Traduccion del Sr. José Osorio.* —

No viste la pobre tórtola

* Me parece muy acertada la introduccion de la palabra *saudade* en nuestra lengua. Con efecto, no tenemos otra que pueda espresar lo mismo. Saudad

llena de acerbo dolor,
posada en el viejo tronco
donde su amante murió?
No viste sus tristes quejas
de los bosques en redor,
cuando el sol presto á esconder-se
esparce incierto fulgor?...
Melancolicas canciones
que espresan su puro amor,
y dan ensanche un momento
á su triste corazon...!
No viste, en noche serena
del tajo por la estension,
retratar-se claramente
de la luna el resplandor?
Y no has sentido la brisa,
cual dulce aliento de flor,
convidando á la ventura,
y convidando al amor?
Del pescador algareño
no oiste esa cancion,
tan portuguesa y sincera,
nacida del corazon?
En ella sus penas llora,
porque triste se ausentó,
de su esposa, de sus hijos,
y del suelo en que nació.
Y sobre desnudas rocas
que se elevan hasta el sol,
no has visto solo y llorando
al amante trovador?
Su faz, donde se retrata
la honda huella del dolor,
clama por una ventura
que en sus amores no halló.
Y no oiste las endechas
cantadas con dulce voz,
que en el aire se esparcieron
cuando su lira vibró?
No le oiste pronunciar,
en medio de su pasion,
un tierno nombre, que al punto
el viento avaro robó?
Y tu pecho embebecido
entonces, no respiró?
ay! el pesar que sentia
era un sueño seductor!
De la tórtola y del viento,
de la mar y el pescador,
se asemejan los cantares
al del triste trovador.
Este sentir dulce y triste
de nuestra ardente pasion
es el sentir del poeta
que abrasa su corazon.
Apenas puede espresarlo
la *saudad*, bella espresion,
que aplican los portugueses
a la amistad, y al amor.

Lisboa — octubro — 1846.

Emilio Bravo.

no es *recuerdo*, porque este puede ser bueno o malo; no es tan poco *memoria*, por la propria razon. La saudad es un recuerdo dulce, una memoria agradable y tierna, y solo con esta palabra pueden espresarse los dolores y sentimientos de la ausencia, ó la pérdida de un bien grato á nuestro corazon. Creo un mal, y un mal grave la introduccion que muchos autores españoles hacen de voces francesas que no nos hacen falta; pero creo un bien adoptar palabras que no tenemos, y para cuyo equivalente necessitamos frases enteras. No soy el primer español que opina de este modo. *E. B.*

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÃO.

MARTINHO DE MELLO E CASTRO.

893 Todas as nações europeas se condoeram do flagello horrivel, do 1.° de novembro de 1755, que cobriu o reino de Portugal de lucto, transtornou a fortuna de immensas familias, e encheu o povo de lagrimas e terrores; e todas á porfia se disvaláram em prevenir as immediatas e fataes consequencias d'elle, inviando-nos promptamente gratuitos provimentos de viveres, e soccorros de todo o genero. N'este conflicto de humanidade, que tanto honra o character dos europeus, teve a nação britanica um dos primeiros logares. Jorge II, que então reinava em Inglaterra, julgando que em taes circumstancias o ministro de Portugal, juncto da sua côrte, devia ser um dos objectos immediatos da sua beneficencia, offereceu a Martinho de Mello e Castro, um avultado donativo mais que sufficiente para reparar os estragos, que a sua casa podesse ter padecido. Martinho de Mello e Castro recusou acceitar ésta gradiosa offerta debaixo do pretexto da falta de licença da sua côrte; mas havendo-lhe a generosidade d'aquelle principe obtido do Senhor rei D. José a mencionada permissão, Martinho de Mello e Castro se viu necessitado a pôr termo á sua repulsa, e a fazer por ésta vez violencia ao seu genio desinteressado, e independente. *

Como porém a delicadeza de seus sentimentos lhe não consentisse condescender em acção alguma, que podesse, ainda no conceito das pessoas malevolas,

* Despresou sem affectação, nem orgulho, honras, titulos, e riquezas; tanto o desinteresse, e a grandeza da sua alma!

..... éstas honras
Quem chega com justiça a merecel-as.
Tambem sabe atrever-se a desprezal-as.
Garção

derramar sôbre a pureza de sua reputação a mais leve sombra de duvida, Martinho de Mello e Castro quiz ao menos no emprego do dom, que fôra obrigado a receber, mostrar ao seu soberano, quanto zelava a dignidade e independencia do character público, de que elle o revestíra, e quanto vigiava sôbre os interesses da sua patria.

Um pequeno parque de artilheria de campanha com todo o seu trem competente, foi por Martinho de Mello e Castro comprado, e remettido de presente ao Senhor rei D. José, que assás comprehendeu o duplicado motivo d'este procedimento do seu ministro.

Nomeado pelo Senhor rei D. José Martinho de Mello e Castro seu embaixador extraordinario e ministro plenipotenciario em o congresso de Paris, que no anno de 1763 se ajunctou alli, para a conclusão do tractado definitivo da paz entre Inglaterra, França, Hispanha, e Portugal, regulou Martinho de Mello e Castro com os ministros das referidas nações todos os artigos d'ella: chegado porém o momento da assignatura, pretendia o duque de Choiseul, ministro de França, que Martinho de Mello e Castro como ministro de uma potencia, que elle reputava de segunda ordem, não gozasse da precedencia na alternada assignatura dos tractados: Martinho de Mello e Castro porém como verdadeiro portuguez, não podendo soffrer, que a sua nação deixasse de ser igualmente considerada, que as outras, recusou com firmeza assignar o tractado, dizendo resolutamente ao duque de Choiseul. «*Que mais facilmente deixaria decepar a mão, com que pegava na penna, do que consentiria em prostituil-a á indignidade e baixesa de firmar com a sua assignatura o reconhecimento, de que a nação portugueza devia ser contemplada como inferior a nenhuma outra nação do mundo.*» O ministro francez, que não podia deixar de admirar, bem como todos os outros ministros do congresso, a magnanima resolução de Martinho de Mello e Castro, e que talvez não podia crer, que ella lhe fosse somente inspirada pelo seu animo patriotico, cedeu á pretensão de Martinho de Mello e Castro, e Portugal ficou assim gosando de uma prerogativa diplomatica so concedida ás potencias da primeira ordem.

Martinho de Mello e Castro, nasceu em Lisboa a 11 de novembro de 1716. Morreu a 24 de março de de 1796.

O Abbade Castro.

NECROLOGIA.

894 No dia 23 do corrente, como se dormisse, succumbiu a um dos ataques da molestia, que havia muitos annos trazia espalhada nos orgãos essenciaes de sua existencia, a Illm.ª e Exm.ª marqueza de Borba, D. Eugenia Manuel de Menezes, viuva do Illm.º e Exm.º Sr. Fernando Maria José de Sousa Coutinho Castello-Branco e Menezes, II marquez de Borba e V conde de Redondo. Senhora, que trazia o procedimento de suas acções sempre ajustado com os preceitos da moral christan, que suffocava em si os proprios soffrimentos, so por não magoar os outros, prestadia com o proximo, occultando os beneficios, e com admiravel sagacidade escogitando com disvelo os modos de soccorrer o misero afflicto. Intendida e amavel na companhia, uma certa urbanidade de maneiras, sua bonhomia natural, e uma flexibilidade preventiva. A Senhora marqueza de Borba, teve um animo constante, superior a toda a desgraça, e maior que toda a fortuna, não a movendo a sua roda, nem o mundano da sua instabilidade. Luctando quasi de continúo na terrivel guerra de seus males physicos com desperecimento progressivo de suas forças, reassumia nos intervallos pela energia e elasticidade de seu espirito, suas uteis, costumadas applicações, sem jamais desmentir sua affabilidade, ilhanesa, e mansidão natural. Foi esposa extremosa, e mãi disvelada.

Acabou quem devia viver sempre! Mas foi preciso declinar este astro para renascer em melhor horisonte. Por isso além do premio immortal que piamente cremos reservado a suas virtudes, merece com justo titulo aquella coroa que mais se póde desejar na terra. — *Ser estimada e respeitada na vida, e lembrada com saudade depois da morte.* Jaz na igreja da invocação de Sancta Martha, de religiosas de San'Francisco.

A. C.

CORREIO EXTRANGEIRO.

895 A carestia dos cereaes dá cuidado ao govêrno francez, e ainda mais em razão da approximação do hinverno. Na Irlanda ja a escassez de viveres tem produzido alguns motins apesar das activas providencias do govêrno inglez. Em Kilkenny reuniram-se alguns centenares d'operarios e divagaram pelas ruas pedindo trabalho e pão. Accommetteram as casas dos padeiros, e n'algumas quebraram portas e janellas, e tiraram todo o pão que acharam. O *maire* á frente de todos os *constables* e uma *força* de linha, conseguiu apaziguar os amotinadores promettendo-lhes trabalho. A commissão de soccorros foi immediatamente convocada, e afixou uma proclamação annunciando que se ia dar trabalho a todos os operarios que não tivessem que fazer. Outras scenas similhantes se passaram em Youghal, e as últimas noticias dão outras muitas desordens erpetidas, e até conflictos com a fôrça armada.

Parece que a sorte persegue os grandes vapores construidos expressamente para a grande travessa entre a Inglaterra e os Estados-Unidos. Depois da desgraça acontecida ao ultimo d'elles o vapor *Presidente*, fez-se em Inglaterra o formidavel vapor *Great-Britai*, que desde a sua primeira viagem foi infeliz, e agora acaba de dar á costa no bahia de Dundrum, na Irlanda.

CORREIO NACIONAL.

896 A receita do Asylo da mendicidade no mez de setembro ultimo foi de 1:419$308 réis, além de diversos donativoe em genero. A despeza importou em 1:074$999 réis. Ficaram existindo 348 homens — 243 mulheress: total 591,

A Moira, drama do fallecido Sr. Sousa Lobo, foi muito applaudida no domingo (25) no theatro do Gymnasio. A Sr.ª Fortunata bem collocada d'esta vez no seu genero, mereceu grande acceitação. Parece que se vai ensaiar no mesmo theatro A *Cigana*, drama do mesmo auctor.

O Sr. Claudio A. da Costa acaba de fazer publicar *Considerações sôbre caminhos-de-ferro e sua influencia sôbre a agricultura de Portugal.* Parece-me um bello trabalho de que brevemente me occuparei.

Praça-de-Lisboa — Na semana última realizaram-se bastantes transacções em fundos-publicos; as acções de companhias tiveram poucos compradores. Encareceram os metaes; sustentaram-se os fundos-publicos, e as acções de companhias. O agio das notas subiu a 600 réis.